

Dossiê: Sons e Etnografias



Organizadores

Viviane Vedana

María Eugenia Domínguez

Apresentação: Sons e Etnografia

Viviane Vedana

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
E-mail: viviane.vedana@ufsc.br

María Eugenia Domínguez

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
E-mail: eugison@yahoo.com

O debate antropológico a respeito das sonoridades – musicais, das paisagens, da vida cotidiana, das práticas – é vasto e tem como uma de suas características o cruzamento entre diferentes temas ou áreas de estudo. Neste Dossiê apresentamos algumas possibilidades de desenvolvimento das reflexões sobre o som. Desde a arte até a saúde, passando por discussões metodológicas e teóricas, os artigos aqui reunidos propõem alguns caminhos possíveis da pesquisa etnográfica e antropológica no que se refere à atenção às sonoridades e musicalidades. Este Dossiê é resultado dos debates que ocorreram por ocasião do Colóquio Internacional Sons e Etnografias, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em dezembro de 2016. Já em 2015 os organizadores deste número da *Ilha – Revista de Antropologia* participaram do simpósio “El punto del oído – Antropologia Auditiva em Mesoamérica y Sudamérica” no 55º *Congreso Internacional de Americanistas*, em El Salvador. Foi desse primeiro encontro que surgiu a ideia de um Colóquio sobre sons e etnografias na UFSC. Esse Colóquio então reuniu os autores que aqui publicam suas reflexões e outros pesquisadores interessados em discutir as relações entre música, som, etnografia e antropologia. Foram dois dias de apresentação e discussão de pesquisas em contextos etnográficos variados, com diferentes abordagens teóricas e enquadres particulares sobre o som, a música e a audição. Parte dessa discussão está sistematizada neste Dossiê na forma de artigos.

Com Bernd Brabec de Mori aprendemos sobre o processo de cura musical entre os Shipibo Konibo a partir de descrições etnográficas de diferentes momentos de cura e os efeitos e a eficácia da canção nesses rituais. O autor articula a discussão sobre magia e o poder mágico das canções com as formas de compreender o tempo (sobretudo o

passado) para seus interlocutores, tendo em vista as formas como as canções, em suas letras e melodias, são também narrativas sobre suas tradições. Brabec de Mori nos fala ainda que não há distinções entre canções mágicas e não mágicas, as canções têm poder mágico e, portanto, não são evocadas a todo momento. Nesse sentido, o autor reflete criticamente sobre a literatura relativa à arte shipibo ponderando a importância do som nos processos de cura e não apenas da dimensão visual que é mais comumente tratada. Essa reivindicação da importância das sonoridades nos diversos aspectos das pesquisas etnográficas está presente em muitos dos textos aqui reunidos.

María Eugenia Domínguez nos conduz ao *arete guasu*, no Chaco argentino, ao som de flautas e tambores. A partir da descrição das festas nas quais participou, sua proposta é atentar, sobretudo, ao plano sonoro do ritual, tendo em vista que o lugar da música é indispensável para seu desdobramento. No *arete guasu* se dança e se compartilha bebidas ao som das flautas que agenciam potências não humanas. Dança-se para acompanhar a música e bebe-se para que a música “saia”, a flauta em sua agência também precisa beber e bebe por meio dos músicos. Para a autora, a musicalidade do *arete guasu* define a paisagem do oeste do Chaco argentino, constituindo-se uma forma de conhecimento musical e cultural específico. O ponto central deste artigo refere-se ao tema da repetição – na música e, portanto, também no ritual – que para Domínguez revela questões importantes a respeito da temporalidade ritual e da potência sonora da música em instaurar certa pausa no curso do tempo. Nesse ponto, a autora se contrapõe à ideia de que a repetição seria um sinônimo de baixa qualidade estética da música e nos apresenta diversos exemplos em vídeo de como repetição e diferença compõem a complexidade da ação ritual, na inter-relação entre música e dança.

No plano da análise musical, Rafael de Menezes Bastos nos fala de Lupicínio Rodrigues e da teatralidade de sua construção como cantor. Para tanto, ele analisa duas de suas canções – *Vingança* e *Nunca* – em versões executadas pelo próprio Lupicínio em um programa da TV Cultura de 1973. Após nos apresentar um pouco da vida do cantor e das características do samba em Porto Alegre, sobretudo no que concerne

ao contexto da antiga Ilhota, hoje parte dos Bairros Cidade Baixa e Menino Deus, Menezes Bastos parte para uma análise minuciosa que articula letra, música e voz. Seu argumento perpassa as discussões de gênero, apontando quanto a voz de Lupicínio na execução dessas canções fala de um homem triste e não de um macho traído. Além disso, o autor conecta suas análises das canções de Lupicínio com o mundo das terras baixas da América do Sul e seus estudos sobre a cadeia intersemiótica do ritual.

Matthias Lewy escreve neste Dossiê sobre *Kanaima* e as canções relacionadas a essa entidade. *Kanaima* é apresentada como uma entidade heterogênea e ambivalente, que pode mudar de forma, mas também como um fazer, presente na cosmologia do grupo indígena Pemón. Em seu texto, Lewy nos mostra as diferentes fases ou qualidades do estado de *Kanaima* – ou como o autor propõe, de seu modo de existência – e algumas das perspectivas adotadas nos estudos antropológicos sobre o tema, mas direciona sua discussão para o lugar do som ou da música na performance de *Kanaima*. Para tanto, tem como recurso empírico as gravações em cilindros de cera dessas canções feitas por Theodor Koch-Grünberg em uma comunidade Makuxi, que escutou em companhia de especialistas Pemon nestes cantos *Kanaima*, o que o autor denominou de “reuniões sonoras”. Em sua análise dessas canções, ele nos mostra que, no sistema de classificação pemon, há distintos estilos ou categorias de cantos, e que estes diferem em seus efeitos.

Deslocando-se para uma reflexão teórico-metodológica sobre o som, Viviane Vedana propõe pensá-lo a partir de uma perspectiva ecológica, na qual as sonoridades do mundo são vistas como entes em um conjunto de relações e de interações. Para isso, ela elabora o argumento da etnografia como transdução partindo de diversas experiências etnográficas em que produziu a gravação e a posterior edição de sons das paisagens pesquisadas. A autora aponta que esses processos podem ser pensados, na perspectiva da transdução, como formas de aproximação específicas aos sistemas de percepção-ação que compõem a paisagem, ou seja, que nos desafiam a uma educação da atenção, sobretudo uma educação da escuta, engajada com os modos de existência dos fenômenos pesquisados. Assim, a autora desenvolve a

ideia de “escuta no som” como uma descoberta orientada das práticas e das paisagens que se revelam na produção de registros sonoros em campo, tendo em vista ainda o argumento da transdução como forma de fazer etnografias sonoras.

Também num percurso de discussão metodológica, Deise Lucy Montardo reivindica a importância das transcrições das músicas e das danças indígenas como ferramentas teórico-metodológicas que auxiliam a escuta e a análise. Sua perspectiva parte da observação de rituais e seus movimentos, ou como a autora coloca, dos rituais em movimento, considerando que os cantos e as danças são também caminhos de encontro dos Guarani Kaiová e Nhandeva – com os quais estudou – com seres espirituais. Seu argumento nos mostra que os processos de transcrição e de análise do código musical são formas de aproximação com a linguagem musical desses grupos, bem como de formulação de perguntas sobre seu universo. Seu texto está baseado em materiais de campo de suas pesquisas, a partir dos quais, ela apresenta a relação entre música e dança e entre as ideias de extensão do tempo e a ampliação do espaço no ritual que aproxima do “percorrer caminhos” como prática desses grupos.

Liliam Barros Cohen, em seu artigo, faz uma revisão da literatura referente ao diálogo intersemiótico entre arte gráfica e musicalidade indígena para descrever algumas experiências musicais ameríndias que não envolvem apenas sons, mas também grafismos e imagens. As análises das sonoridades e os instrumentos musicais na bibliografia consultada pela autora mostram os processos de transformação xamânica dos próprios instrumentos musicais, evidenciando, também, a existência de uma diversidade de formas de percepção das sonoridades cerimoniais entre os grupos indígenas. A autora propõe ainda o conceito de “audiação” para enfatizar a importância da percepção multissensorial do mundo, realinhando, assim, por meio do diálogo interartes, as relações entre visualidades e audição de tal forma a serem pensadas tanto academicamente quanto nas práticas artísticas dos grupos indígenas, na gestão cultural e na proposição de políticas culturais.

Este Dossiê se encerra com o artigo de Hugo Leonardo Ribeiro que propõe a endoetnografia como metodologia de pesquisa. O autor

questiona as possibilidades reais de distanciamento entre o pesquisador e seu objeto de estudo, uma questão epistemológica já clássica no âmbito das produções antropológicas. Assim, ele busca analisar a música “desde dentro”, assumindo-se como um pesquisador nativo da cultura do metal. Sua discussão perpassa a ideia de um *habitus* musical como um aprendizado ativo que integra as diversas experiências dos indivíduos, mediadas pelo social, na construção de concepções sobre o que é música e quais sons seriam considerados ruídos. Em seus exemplos etnográficos, ele chama a atenção para os perigos da superficialidade do relato antropológico numa endoetnografia e propõe algumas estratégias de contornar esse problema.

Diante do que foi apresentado, nota-se que os artigos que o Dossiê reúne exploram, por diferentes caminhos, possibilidades de análise que surgem ao se dar centralidade aos sons e à audição no fazer etnográfico.

Boa leitura!